

## **Intervenção do Senhor Secretário de Estado do Cinema, Audiovisual e Media nas Comemorações do 10.º Aniversário do Museu do Côa e inauguração do Auditório António Guterres**

Exmo. Senhor Secretário Geral da Organização das Nações Unidas,

Exmo. Senhor Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior,

Exma. Senhora Ministra da Coesão Territorial,

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa,

Exmo. Senhor Presidente da Fundação Côa Parque,

Exmas. Senhoras e Senhores,

É um dia sobejamente feliz este que nos permite associar as celebrações dos dez anos do Museu do Côa a esta homenagem ao Secretário Geral da Organização das Nações Unidas, António Guterres.

Se podemos hoje falar deste património único como visível e visitável, ao qual todos podem aceder é porque todos se juntaram para o defender e impedir a sua destruição, mas, também, pela ação dedicada de António Guterres e do Governo que então liderava, que suspendeu os trabalhos de construção da barragem de Foz Côa, um empreendimento que iria colocar em causa a preservação do maior núcleo de arte rupestre paleolítica de ar livre conhecido até então.

A existência deste Museu cujo aniversário hoje celebramos, bem como a história deste lugar ímpar, que hoje podemos contar com orgulho e não com o peso de quem hipotecou uma parte tão importante do património cultural arqueológico do nosso país, foram já uma forma de homenagear esta decisão do Governo de António Guterres.

O trabalho que aqui tem sido desenvolvido traduz na prática o compromisso do Estado português em desenvolver uma política de salvaguarda deste importante património arqueológico, que a Fundação Côa Parque e o Museu do Côa têm assumido, tornando-se os guardiões deste território e do seu património natural e cultural.

Esta enorme responsabilidade tem sido concretizada com dedicação, diligência e maturidade, mas também com ânimo e energia. Um trabalho consistente e sustentado na atualização e aprofundamento dos conteúdos, mas também inovador, de que é exemplo a renovação digital, recentemente inaugurada, bem como o sistemático trabalho de modernização tecnológica.

Felicito, por tudo isto, o Conselho Diretivo da Fundação Côa Parque e toda a equipa do Museu, porque o vosso empenho na promoção do estudo e conhecimento da arte rupestre e património arqueológico do Côa e na

sensibilização para a importância da preservação deste importante património tem sido inestimável.

A inauguração do Auditório António Guterres é uma homenagem que encerra diversos significados. Ela simboliza o impacto considerável que a sua decisão teve na sociedade portuguesa, na preservação e no enriquecimento cultural deste território, e no quanto o património cultural, no muito que nos dá a conhecer e a experimentar, torna melhores e mais significativos os nossos dias.

Este lugar, e todo o trabalho que o Parque Arqueológico do Vale do Côa tem permitido e que demonstrou a importância científica e cultural destas primeiras manifestações artísticas da humanidade, são testemunho diário de que tomou a decisão certa, mas também de que o fez com o arrojo e a coragem que a todos nos cumpre reconhecer.

Com décadas de dedicação ao serviço público, tanto em Portugal como na esfera internacional, atrevo-me a referir que este será sempre um episódio central no percurso de António Guterres e que, por isso, o Parque Arqueológico do Vale do Côa não é apenas o testemunho, mas também o legado que muito particularmente lhe devemos.

Mas o legado e os efeitos que esta sua decisão tornaram possíveis não se resumem a este lugar, mas projetam-se no tempo como um exemplo a seguir na valorização do património arqueológico e como paradigma da democracia portuguesa de quem compreendeu o lugar central que a Cultura deve ter no âmbito das políticas públicas. Representam um compromisso participado e alargado na defesa dos bens culturais e, com ela, na defesa do nosso património cultural e da nossa identidade.

Esta é a ambição e o exemplo que seguimos na nossa política pública para a cultura. Com uma estratégia clara, com um investimento público significativo e com medidas integradas para a sua concretização, que promovam o envolvimento ativo do setor público e da população com o seu património, tanto no momento da sua defesa, como na sua fruição pública. Só assim é possível construir programas de futuro, só assim é possível dar futuro ao património arqueológico e, com ele, dar um melhor futuro a cada um de nós.

A arte rupestre recorda-nos que, através dos tempos e das culturas, partilhamos material genético, partilhamos uma grande história, mas, mais que isso, partilhamos anseios, desejamos para lá do efémero e projetamos contra o apagamento e o esquecimento o mais valioso dos testemunhos, o da arte. Tanta na arte rupestre como na produzida ainda ontem, há algo que permanentemente afirmamos: que estamos aqui e isso fez, faz e fará de nós humanidade.

Sem o empenho de António Guterres e sem o trabalho constante de todos aqueles que dedicam os seus dias a este património, não teríamos hoje esta ponte com o passado e com a nossa identidade cultural. Entre nós e os homens e mulheres que deixaram aqui o seu testemunho haveria um muro inultrapassável. Sem tudo isto, a preservação do património cultural seria um propósito vago, porque nas águas do Côa teríamos destruído uma parte fundamental da nossa herança.

O que hoje homenageamos não teve impacto apenas neste espaço, mas em toda a sociedade portuguesa, porque soube colocar o património cultural em primeiro lugar. O meu agradecimento profundo a António Guterres, porque a sua decisão representa um compromisso que as políticas públicas para a cultura deverão sempre assumir.

Muito obrigada,

**Nuno Artur Silva**

**30 de julho**